HERMES

JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 5 • NÚMERO 28 • DEZEMBRO 2025

Edição Especial

Revisitar textos publicados ao longo destes cinco anos de existência é uma forma de revelar que as palavras estão vivas sempre que alguém coloca os seus olhos nelas e as acaricia, busca as formas, se inspira na eterna descoberta do humano e da Natureza.

No frenesim dos dias, na corrida para tudo e nada, na pressa que nos consome o juízo, regressar ao que de bem se faz neste espaço é dar sentido às coisas, ao trabalho na essência de ir ao encontro dos nossos leitores, da nossa comunidade.

“Tanto na vida como no amor, o que é verdadeiramente importante é encontrar um local onde os sonhos nunca tenham fim.”

Eis os votos da equipa que editorial e gráfica deste vosso jornal

O Sr. Jordão

— Diamantino Torres

Todos os dias, Jordão, assim é o seu nome, deambula pelas margens do Rio Douro. Após um longo exercitar de pernas, sorvendo o ar fresco da manhã, senta-se no seu banco, observando.

Naquele dia de inverno, o sol espreitava por entre as nuvens para logo em seguida se esconder. Corria um vento gélido que aconselhava um gorro, bem quente, que protegesse a cabeça do desconforto das baixas temperaturas. Nem a roupa quente e aconchegante era suficiente para proporcionar algum conforto. Mesmo assim, não faltavam caminhantes que calcorreavam aqueles passadiços que vão de Gramido, em Valbom, até o Freixo, no Porto. Vidas em movimento. Novos, velhos, solitários, grupos, aquelas margens enchem-se de movimento.

Junto ao Clube Naval Infante D. Henrique, na margem do Rio, um bando de patos, indiferentes às baixas temperaturas, grasnam enquanto disputam, com as gaivotas, bocados de pão que um casal com uma criança pequena lança no Rio. Na disputa do alimento também concorrem peixes, cardumes, de tamanho considerável, que, submersos, repentinamente emergem para capturar o seu quinhão de alimento. Outros peixes, já saciados, dão saltos vigorosos saindo por breves instantes do seu meio aquático demonstrando energia e saúde. Uns metros abaixo, num espaço destinado aos exercícios físicos de força, está um homem, o Samurai de Gramido, que, apesar dos seus sessenta e muito anos, mantém uma compleição atlética e força invulgares construída ao longo de muitos anos de prática física muito intensa e regular. Todos querem falar com o Samurai de Gramido, principalmente depois que ele foi a um programa televisivo, de entretenimento, prestar provas, com outros concorrentes, tendo passado à fase seguinte. Todos o admiram. Os mais velhos e os mais novos olham para ele e cada grupo etário, com as suas razões: admiram o seu corpo atlético e musculado.

Perto do banco, onde descansa o Sr. Jordão, dois cães vadios urinam e farejam em tudo o que é esquina, sebes, bancos. Nota-se que os canídeos provocam algum desconforto nos transeuntes que se encolhem e os evitam quando os avistam. Os cães, rafeiros e insolentes, não se mostram acanhados: perseguem as pessoas, cheiram-nas. Não assumindo qualquer agressividade para com os humanos estes delinquentes atrevidos dão azo à sua liberdade.

Indiferente ao que o cerca, o rio, com um grosso caudal, típico do Inverno, corre para a foz. Dizem os mais antigos que antes da edificação das barragens, que controlam o caudal do rio, as cheias súbitas eram constantes e as consequentes inundações. Contrastando com o verão, quando o rio está pejado de navios de cruzeiro, barcos de recreio, embarcações desportivas, no inverno esta via aquática encontra-se no seu estado mais natural, apesar de há muito estar modificada no seu curso pela intervenção humana que o domesticou e assim tornou mais navegável.

O turismo, atividade sazonal, pressiona o leito fluvial até à exaustão, no verão, para depois

o deixar em letargia, como urso hibernando.

Estando o Jordão absorto nos seus pensamentos, uma mulher na casa dos cinquenta anos, com ar abatido, senta-se ao seu lado. Esta saúda-o com um: boa tarde! Ao que Jordão responde nos mesmos termos. Está muito frio! diz a mulher; está mesmo, responde Jordão. A mulher queria falar e Jordão apercebeu-se disso. A senhora é daqui? Sou sim, respondeu a mulher. Eu costumo vir todos os dias para aqui e nunca a vi por estes lados, disse Jordão.

A mulher, no decurso do diálogo confidenciou-lhe que se chamava Joana e que trabalhava num barco de cruzeiro. Tinha enviuvado há três anos. O marido era apaixonado por ciclismo e tinha sido atropelado por um automobilista que se pôs em fuga. Não tinha filhos. A sua atividade profissional era ajudante de cozinha num desses barcos que no verão sobe o rio até ao Douro vinhateiro. O trabalho é muito! Os barcos vão pejados de turistas das mais diversas nacionalidades. A contrapartida financeira pelo trabalho prestado é baixa. A atividade quase que para no Inverno, época baixa, e por isso os rendimentos são inconstantes. Confidenciou-lhe que queria mudar de vida, mas a idade e as poucas habilitações lhe cerceavam os caminhos para uma vida melhor, pelo menos profissionalmente.

O que me custa é a solidão, disse a Joana. Com a morte do meu marido, fui-me isolando da comunidade e passo os dias sozinha com os meus pensamentos. O Jordão, também ele sozinho, disse-lhe que a compreendia.

Ficar em casa é que não, disse o Jordão e continuou: Venho para aqui caminhar e já fiz algumas amizades. Mas compreendo que viver sozinho não é fácil. Temos de ter iniciativa e atividades. Olhe, vou para a piscina três vezes por semana; leio e, como estou reformado, inscrevi-me na Universidade sénior. Porque é que a senhora não aparece por lá? Terei muito gosto em tomar um café consigo! E quando quiser conversar comigo esteja à vontade, eu ando sempre por aqui.

O rio continua, sempre a sua marcha imperturbável indiferente às vidas que se desenrolam à sua volta.

Aquela conversa, franca, fizera bem à Joana e ao Jordão. O tempo passou e ambos se despediram com um até à próxima. E lá foram cada um para seu lado mais confortados pela coragem que tiveram em saírem de si próprios e desvendarem as suas vidas.

O Relógio de Gelo

— João Paulo Pinto

Sempre fui apaixonado pela arte. Adoro ler a respeito dos artistas e apreciar os seus trabalhos. Leonardo da Vinci, Michelangelo, Van Gogh, Henri Matisse, Picasso são alguns exemplos de clássicos que me fascinam. Contudo, a arte contemporânea vai para além das telas e ganha as ruas, os espaços urbanos, os prédios, as calçadas, as pontes, a natureza — o mundo torna-se o seu palco — e é essa arte pulsante e viva, por refletir diretamente o nosso tempo, que tem captado a minha atenção.

Uma dessas manifestações artísticas ocorreu entre o período de 30 de novembro até 11 de dezembro de 2015, e realizou-se na Conferência do Clima de Paris (COP21), evento que reuniu 195 países com o objetivo de reduzir a emissão de gases para conter o efeito de estufa no nosso planeta.

Na época, a temperatura da terra estava a aumentar e o derretimento das calotas polares nos extremos do planeta já eram visíveis. Inclusive, já se podiam ver vários icebergs a formar-se a partir do desprendimento desse gelo.

O artista plástico islandês-dinamarquês, Olafur Eliasson, grande defensor dos assuntos ambientais, encontrou uma forma muito especial para denunciar a urgência de se lutar contra o aquecimento global.

Trouxe doze cubos de gelo monumentais, cada um pesando cem toneladas, vindos de icebergs da Gronelândia, que foram dispostos em forma de relógio na frente do Parthenon, em Paris, durante a semana em que aconteceu o evento.

O peso desses blocos não foi escolhido aleatoriamente: cem toneladas é o volume de gelo que derrete a cada centésimo de segundo no mundo por causa das mudanças climáticas. Os enormes blocos de gelo dispostos em forma de relógio estariam a derreter durante todo o período da conferência. Assim sendo, no final do evento, na sexta-feira, só restou a água derretida.

Essa obra em frente à COP21 foi altamente impactante e significativa. A simbologia de um relógio de gelo a derreter-se mostra-nos o que o aquecimento global pode fazer não só com as calotas polares, mas também com todas as espécies e nos seus habitats. Os blocos de gelo dispostos junto ao Parthenon, sede da conferência, conectam-nos e aproximam-nos do que está acontecendo a milhares de quilómetros.

De facto, a ideia do artista era que as pessoas tocassem essas imensas pedras de gelo, as admirassem, sentissem a sua energia, compreendessem o processo de derretimento que está a acontecer ao nosso redor.

Realmente foi isso que aconteceu naquela ocasião. Relatos contam que as pessoas que passaram pelo local e viram todo aquele gelo, derretendo rapidamente, sensibilizaram-se e sentiram a necessidade de fazer algo para evitar o desastre iminente.

Quando chegou o final da conferência, no dia 11 de dezembro de 2015, sexta-feira, todo o gelo havia derretido. A água que escorria pelo Parthenon, em Paris, era a prova de que devemos agir, e rápido, se quisermos salvar o nosso planeta. O artista plástico, Olafur Eliasson, antecipou-nos, através do seu relógio de gelo, o que nos aguarda num futuro próximo se não fizermos nada de concreto a esse pedido de socorro.

Apesar do impacto que a obra causou nas pessoas que passaram pelo local, na época, e da urgência de atitudes concretas necessárias para evitar o aquecimento no nosso mundo, pouco ou nada se tem feito para evitar uma catástrofe global.

Infelizmente a pauta económica tem se sobreposto à pauta ambiental. Quantos relógios de gelo serão necessários para consciencializar os líderes mundiais e as pessoas de que o nosso planeta está pedindo socorro? É uma pergunta para a qual não tenho resposta. Apenas espero que, quando acordarmos para a realidade, não seja tarde demais.

O Mundo Inteiro num Gelado

— Etelvina Ferreira

Sentaram-se as duas num banco do Jardim do Passeio Alegre, com vista para o coreto, depois de terem passado no Chalé Suíço. Era um daqueles domingos em que o mundo parecia estar suspenso num raio de sol. A mãe equilibrava um copo de gelado de morango e pistácio, a criança uma bola generosa de chocolate que já ia escorrendo pelos dedos.

Foi aí que começaram as perguntas:

- Achas que os gelados ficam tristes, quando derretem?

"Talvez... talvez eles sonhassem em ser comidos felizes e não escorrer pela camisola nova", disse a mãe com um sorriso rasgado.

A criança olhou para a t-shirt manchada e suspirou.

- Esta já era. Diz à avó que foi um acidente químico. Mãe, porque é que o gelado derrete?

A mãe ainda titubeou uma resposta científica, "por causa do calor e da composição do gelado", mas não chegou ao fim da frase.

- E o que é que tem o calor? Por que é que o calor não derrete as árvores?

Boa pergunta. A mãe exitou, ficou muda, mas a criança não.

- E porque é que as árvores não comem gelado? Achas que se elas tivessem bocas também gostavam de chocolate?

A mãe deu uma gargalhada, limpando-lhe a cara com um guardanapo já meio pegajoso. "Talvez gostassem de sabores com frutos, como amora, frutos silvestres, ou limão", arriscou.

- E as formigas? Elas gostam de gelado?

Olhou para o chão e viu uma, a poucos milímetros do dedo grande do pé, debatendo-se com uma migalha minúscula.

- Achas que as formigas falam entre si, como nós?

A mãe ia responder que sim, "Com certeza tinham lá o seu modo de comunicar", quando a criança se antecipou:

- Se calhar dizem: "Ei Maria Formiga, aqui há gelado de chocolate! Traz os teus filhos!"

Quantos filhos têm as formigas, mãe?

A bola de chocolate decrescia na mesma medida em que o sol avançava. A mãe, meio vencida pela intensidade das perguntas, mastigava o pistácio em silêncio. No entanto, a criança ainda estava só a começar.

- Mãe, tu quando eras pequenina de que sabor gostavas? Existia sabor a arco-íris? Sabes como se faz o sabor a arco-íris?

A mãe, mais parecida a uma das estátuas do jardim, uma enciclopédia prestes a explodir, com a cabeça feita num oito, mas de coração cheio, aguentava serenamente a investida das perguntas em catadupa. Em cada pergunta cabia um mundo, e sentada naquele banco, com o gelado a escorrer pelos dedos, ela estava a viajar no tempo, a ser puxada novamente para a sua própria infância, um tempo em que o mundo ainda era leve, e tudo – mesmo tudo – podia ser perguntado.

Finalmente, quando já não havia gelado, mas apenas guardanapos ensopados e sorrisos pegajosos, a criança olhou a mãe nos olhos e fez a pergunta final:

- Mãe...e se o mundo inteiro fosse feito de gelado?

A mãe não soube responder. Apenas disse: "Se fosse, era contigo que eu o comia, mas com um babete maior".

Texto a quatro mãos

— Artur, Adelaide, Teresa e Maria Aragão

Às 11h33 de um certo dia dessa semana a tecnologia tinha entrado em greve.

Nada funcionava que dependesse da acção dos electrões.

João e Teresa, duas almas anónimas no turbilhão de gente que habita o Planeta e ambos ao serviço da empresa na qual trabalham, tinham ido, naquele dia, até ao Alto Douro.

O certo é que apenas tinham tido tempo de chegar a Freixo de Espada à Cinta e zás, nada funcionava: internet, telefones, terminais de pagamento automático...

Teresa, com as celulazinhas cinzentas em ebulição, dava asas a especulações e da sua mente saíam já duas ou três teorias que estimulavam, em João, um leve sorriso.

- Tem calma, Teresa. Vais ver que tudo não passa de uma simples avaria.

Teresa repetia:

- Foram os russos num ciberataque. Ou, quem sabe, o Musk a desligar a rede Starlink, chateado pela queda das vendas de Teslas.

- Bem, não sabemos nada. O melhor é esperar.

Entretanto vamos descobrir onde fica o nosso hotel.

As horas sucediam-se. Estavam já instalados no hotel Douro Internacional e a serem alvo das mil atenções dos proprietários, preocupados com o bem-estar daquele casal, assim pensavam eles.

Isto porque, João, aquando do registo tinha assinalado casados. A sua mão estava mais de acordo com o seu coração que ao real estado civil dos dois.

O local era magnífico. Pequenas construções alcandoradas na encosta com o Douro ali a seus pés.

A noite caiu. O jantar delicioso. Teresa, pouco dada a consumir álcool, naquela noite tinha degustado aquele fabuloso vinho de nome "Bons Ares" que ela desconhecia por completo. Tinha ficado a gostar daquele néctar frutado e muito leve, quase feminino.

A conversa prolongou-se. A noite amena e a ausência de qualquer luz artificial despertavam naquelas almas uma paz, uma liberdade e uma sensação de serem os únicos habitantes do Planeta.

João não se tinha poupado a esforços para tranquilizar, mimar e cuidar de Teresa.

Havia anos que se conheciam. Numa intimidade não de corpos, mas de almas.

Nutriam um pelo outro um amor nunca vivido na plenitude da banalidade dos gestos, mas um profundo sentimento que os unia e despertava o sonho e, quem sabe, o desejo. Só eles o podiam verbalizar.

As horas continuavam a suceder-se sem que se apercebessem, tal era a profunda comunhão de espírito entre eles, bebendo-se um ao outro nas palavras trocadas, no abraçar dos corpos, a partir do momento em que Teresa se deixou envolver na naturalidade das coisas e João cruzou os braços à volta da barriga dela.

Rostos encostados e as quatro íris a olhar na mesma direcção sem que a beleza daquele momento de intimidade fosse perturbada, fluindo as palavras que ambos trocavam, apenas e só, no seu mais puro significado.

O que saía das suas bocas era sentido, talvez, como nunca o tinham experienciado.

Os astros estavam alinhados não pela tecnologia, mas pela dinâmica da Natureza, naquela jangada de pedra, isolada do mundo real, sós, conseguiam aperceber-se do sentimento que se apoderava deles e da felicidade a tomar conta dos corpos.

Teresa, acariciou as mãos de João, que continuavam cruzadas sobre o seu ventre.

João, fechou os olhos e deixou-se ficar saboreando aquele idílico momento. Lentamente rodou o corpo ficando com o seu rosto frente a Teresa, acariciou a face, aproximou os seus lábios percorrendo o rosto de Teresa até que as bocam se encontraram brotando palavras em forma de beijos.

Naquele beijo ardente e carinhoso estremeceram os corpos alimentados por um amor puro e verdadeiro.

João disse- porque demoramos tanto?

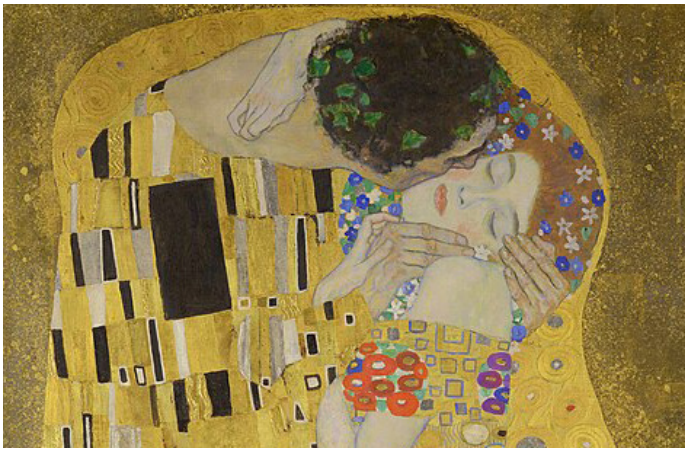
Teresa, respondeu- tinha medo... de sentir!

Sentir

— Milú Almeida

Sentir o teu beijo e o gosto
da média luz que segura
um sorriso de mansinho,
a nossa alma aberta,
a influência da hora,
e o sumo que não se arreda,
quando a carícia demora ...

Sucumbo ao teu toque
quando a presença arrepia,
o perfume enlouquece,
o coração acelera,
e o abraço é ponto de pérola
que se cruza no desejo
de sentir o teu beijo e o gosto ...



Mar de Inverno

— António Ferraz

Naquela miragem já ninguém sabia
se era branca a areia, se era cinza o mar,
não havia barcos, a tarde fugia
cega de gaivotas a rumorejar;

entre as tuas mãos a chuva caía
pálida de luz do dia a findar,
e sob a folhagem molhada do dia
não sei se querias partir ou ficar.

Brilhava em teu rosto um olhar de flor,
puro como acorde de uma canção,
como um sopro ainda tímido de verão,

e o teu abraço trazia o sabor
da boca da espuma a tremer inquieta
no verso mais raro de um velho poeta!

— Fátima Guerra

A Cadeira Portuguesa

— Artur Sousa

No ano de 1919, a carnificina da Grande Guerra havia terminado. Os Impérios deram lugar às Repúblicas. As mulheres lutam pela igualdade de direitos. A nova sociedade, nascida das cinzas do velho mundo, vibra com as mudanças que se instalam sucessivamente.

Os artistas, arquitetos e a nova classe de "designers" materializam no quotidiano das massas esse desejo de mudança.

Em 1919, nasce a Escola de Arte e Design Bauhaus, fundada pelo arquiteto alemão Walter Gropius. A escola, através da filosofia e da metodologia desenvolvidas pelos seus professores e estudantes, vai ter uma influência significativa na estética das artes, no pensar a arquitetura e na nova disciplina do "design" de equipamentos.

O movimento conceptual e estético da Bauhaus procurou, no desenho/projeto de cada novo objeto, combinar, da melhor maneira possível, a funcionalidade (a adequação com que os objetos cumprem as funções para que são fabricados) e a forma (a satisfação afetiva que o objeto oferece pelas suas qualidades estéticas). Uma das máximas que orientou muitos desenhadores Bauhaus foi o princípio minimalista de que "menos é mais", expressão de Mies Van der Rohe, professor na escola e seu último diretor.

O desenho e o projeto modernistas têm a ambição de serem as melhores soluções possíveis: as mais económicas de produzir e de adquirir, as mais ergonómicas, as mais apelativas e satisfatórias para o maior número possível de pessoas – soluções totais, universais, modulares, produzidas em massa para satisfazer as necessidades dos consumidores no mercado.

"Até hoje, a Bauhaus continua sendo um dos movimentos de design mais influentes de todos os tempos, tendo casado o design funcional com o prazer estético para criar uma forma de arte moderna que pudesse trazer beleza aos objetos do dia a dia e muito mais".(1)

Para garantir a universalidade dos seus projetos, os desenhadores Bauhaus passam, também, a valorizar a "verdade" no desenho dos objetos, que se traduz na transparência na qualidade dos seus materiais, na objetividade da sua funcionalidade e na rejeição de elementos obsoletos ou manipuladores/"falsos" (materiais de imitação, elementos estruturais supérfluos...).

Estes preceitos passaram a dominar a prática do "Design" e, a seu tempo, também foram adotados pelos desenhadores nacionais.

Incontáveis cidadãos lusos tiveram (ainda que inconscientemente) contacto com a "5008" (2), a "Gonçalo" ou, de entre outros tantos nomes, a "Cadeira Portuguesa".

Já centenário, este modelo de cadeira de esplanada ocupa estabelecimentos de Norte a Sul do país e é um justo símbolo de ócio, tempo soalheiro e boa companhia. Mas, na sua forma simples, está comprovadamente estudada a adequada proporção, inclinação e sinuosidade para acomodar confortavelmente o potencial utilizador. Estão determinados os materiais mais resistentes ao uso e apropriados ao processo de fabrico de inúmeras cópias exatas, para equipar novos espaços. A estrutura tubular de aço curvado, em que braços e pernas definem o contorno da peça completa e representam toda a estrutura que a sustenta, é de elegância discreta, sem nada de opulento, obsoleto ou acessório – "menos é mais".

É na resposta a todas estas preocupações, tal como ensina a metodologia Bauhaus, que o desenho da 5008 se tornou emblemático e o/a leitor(a) pode, inclusivamente, até estar, neste momento, sentado num destes modelos icónicos da nossa paisagem moderna.

Bibliografia : (1)-)oitentaeoito.net

(2)-Adico.pt

Festa de Natal 2025

É INSPIRADOR

É BELO

HERMES

É CRIATIVO

É NOSSO

Queremos que se junte a nós!

Envie os seus textos, fotografias ou pinturas para jornalalunosusg@gmail.com ou entregue-os na secretaria.

Partilhe memórias, reportagens, poemas, diários, crónicas, resenhas, canções, receitas, enfim, o que tiver na gaveta ou na cabeça e que tem de dar a conhecer aos seus colegas da Universidade Sénior de Gondomar!

E não se esqueçam que temos todos os textos (mesmo os que não cabem na edição impressa) na Internet, através de https://hermesusg.pt/